



## A poesia intersemiótica de Augusto de Campos e a plena realização da verbivocovisualidade

Beatriz H. Ramos Amaral<sup>1</sup>

**eixo olho**  
**polo fixo**  
**eixo flor**  
**peso fixo**  
**eixo solo**  
**olho fixo**

Augusto de Campos

### 1. INTRODUÇÃO

A amplitude da obra poética intersemiótica, polifônica, polissêmica e dinâmica de Augusto de Campos apresenta para os estudiosos grandes desafios, pois requer um alto grau de aprofundamento analítico, em decorrência da multiplicidade de aspectos estéticos e históricos que a envolvem. A natureza da poética de invenção (transformadora da cultura no Brasil e no mundo) do maior e mais importante poeta brasileiro vivo reclama elevada complexidade e extrema afinação de instrumentos de análise. Considerando-se o conjunto de postulados da revista Eutomia, em especial os que movem esta edição, optamos por selecionar alguns dos principais elementos e

características desta poesia e rever as possibilidades de comunicação entre eles: isomorfismo espaçotempo, intersemiose, multiplicidade, simultaneidade, polissemia, invenção.

Para que a obra de Augusto de Campos pudesse expandir plenamente todas as suas potencialidades e verbivocovisualidade - no mundo da fisicalidade, para os leitores, para o público - várias décadas transcorreram desde o início do percurso iniciado em meados da década de 1950. Em tempos mais recentes, em especial a partir de 1980, o advento de tecnologias de crescente sofisticação gerou recursos compatíveis com a refinada proposta estética singularíssima de Augusto, tornando possível a realização de todos os objetivos pretendidos pelo poeta desde os primeiros tempos de sua rica trajetória. Portanto, a inserção de sua poesia na arte digital, em projeções a laser, em holografias, painéis eletrônicos e também em eventos de natureza multidisciplinar pôde tornar viva e plena a sua proposta de essência, que se construiu numa persistente caminhada para a liberdade, sem jamais perder o rigor.

O marco inicial do percurso de Augusto de Campos é frequentemente associado à criação do Movimento da Poesia Concreta no Brasil, de que ele foi um dos fundadores. Entretanto, seu primeiro livro, *"O rei menos o reino"* (ed. de autor, 1951) reúne poemas compostos a partir de 1949, e, embora já traga em alguns momentos embriões de uma busca mais intensa de valorização da fisicalidade, ainda é um livro de escrita verbal, em conformidade com os padrões estéticos em vigor à época, e antecede a publicação do Plano-Piloto da Poesia Concreta. A mesma situação ocorreu, aliás, com os primeiros livros de Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que, logo depois, juntamente com Augusto, provocariam imensa revolução em nossa literatura.

Nascido na cidade de São Paulo, em 1931, Augusto foi o criador, com seu irmão Haroldo de Campos e com o amigo Décio Pignatari, do movimento da poesia concreta brasileira, que renovou para sempre não somente a poesia e a literatura de língua portuguesa, como transformou a cultura, a publicidade e a comunicação em geral, em muitos aspectos, trazendo o verdadeiro sentido de invenção para o dia-a-dia. Seu papel, como poeta e artista engajado com o "novo" sempre se alimentou de extremo rigor - rigor que persistiu e persiste não apenas em sua poética, como em toda a

atividade de Augusto como tradutor, crítico de literatura, crítico de música, ensaísta, mestre de mestres, nestas profícuas mais de seis décadas de ininterrupta atividade literária. Aliás, é impossível separar um aspecto de seu trabalho dos demais. O poeta não se separa do tradutor nem do ensaísta ou do crítico. São vertentes que se interpenetram e alimentam tornando íntegra sua vasta e admirável obra. Se ora focalizamos exclusivamente aspectos de sua poética, nós o fazemos por questões didáticas.

## **2. POESIA CONCRETA. A POESIA E O TEMPO. VISUALIDADE. ISOMORFISMO ESPAÇO-TEMPO**

A poesia concreta nasceu no Brasil de modo audacioso, com ideias arrojadas que visavam resgatar valores da primeira fase do Modernismo de 1922, afastando da poesia e da literatura as características ultrapassadas - "passadistas" – e os excessos retóricos que haviam voltado à cena nos anos 40, em especial aglutinadas no movimento da chamada Geração de 45.

O plano-piloto da poesia concreta, escrito por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari e publicado em 1958, já se inicia com a menção à "evolução crítica de formas". Era preciso muita ênfase para a libertação da poesia dos cânones arcaicos e completamente inadequados à cultura do século XX e os três jovens poetas paulistanos não pouparam esforços.

Entre as ideias que, pela primeira vez, apresentavam, sobressaíram-se:

- o reconhecimento espaço gráfico como agente estrutural;
- a estrutura espaço-temporal (em vez de desenvolvimento meramente temporístico-linear);
- a ideia de ideograma;
- a sintaxe espacial;
- a justaposição direta – analógica, não lógico-discursiva – de elementos;
- a utilização de elementos tipográficos como elementos substantivos da composição;
- o uso da palavra-ideograma;
- a interpenetração orgânica de tempo e espaço;

- a atomização das palavras;
- o emprego de tipografia fisiognômica;
- a valorização expressionista do espaço;
- a linguagem direta;
- a economia;
- a arquitetura funcional do verso;
- a estrutura dinâmica: multiplicidade de elementos concomitantes;
- a substantivação e a verbificação.

Estas características, mencionadas no plano-piloto da poesia concreta (1958), estão presentes nos poemas dos três criadores do movimento, bem como nos trabalhos dos outros poetas que foram, aos poucos, se inserindo na prática experimental da poesia concreta – Ronaldo Azeredo, José Lino Grünewald, Pedro Xisto, Edgard Braga, José Paulo Paes.

As características estiveram presentes por tempo razoável na poesia dos autores citados. Entretanto, no caso de Augusto de Campos, em cujo trabalho intersemiótico predomina a visualidade, a maior e mais importante parte deste conjunto de características permanece para sempre, na incessante produção de hoje, recebendo, de modo inteligente, a renovação e a transformação trazida pelos novos meios tecnológicos. Melhor dizendo: o tempo só tem feito bem à poética de Augusto, pois, tendo sido ele sempre um precursor, um desbravador de rumos teóricos e práticos, muitas de suas obras e invenções crescem com a possibilidade material da liberdade.

O próprio poeta, em entrevista concedida a Manuel da Costa Pinto e a Frederico Barbosa (revista *EntreLivros*) sobre o tema, reconhece que

se o Plano-piloto (que era apenas um projeto e não um decreto) for lido com atenção, ver-se-á que a minha poesia, mesmo aquela mais visual, desde os anos 60 já não obedece aquele programa, melhor representado pela primeira fase, necessariamente radical, da poesia concreta. (*Revista EntreLivros*, agosto 2005, p.22-23)

O caminho visual do experimentalismo de Augusto de Campos e da prática de sua poesia de invenção requer a liberdade que o “plano-piloto”, pelas suas características de projeto de instauração de um movimento, não poderia contemplar.

São, entretanto, mantidos o rigor da própria experimentação e o movimento que deriva do isomorfismo espaço-tempo e se reflete em vários novos suportes tecnológicos, inclusive na extraordinária videopoesia de Augusto de Campos, desenvolvida mais de duas décadas após a publicação do plano-piloto da poesia concreta.

Na nova edição de “Poesia, Antipoesia, Antropofagia e Cia.”, escreve Augusto:

*“Quando lanço um olhar sobre meio século de atividade poética e tento compreender as razões que levaram os experimentalistas da poesia concreta e visual a empreender, no início da segunda metade do século XX, um movimento para reanimar o quadro poético de então, não posso deixar de considerar as transformações por que passou o universo da linguagem e da comunicação nesse período da humanidade. Transformações que se intensificaram especialmente nas últimas décadas, culminando com a revolução tecnológica operada pela digitalização dos veículos de informação. É a essa reflexão que neste momento me volto. Não se trata, aqui, de um retrospecto, mas de uma prospecção ou retrospicção, que sintetiza o percurso, num largo feedback interpretativo, para projetar-se no contexto da atualidade.*

[...]

*A retomada da linha mallarmaica era uma estratégia que parecia fazer sentido nessa equação artística. [...]*

*Almejava-se, num primeiro momento, estruturar uma linguagem congruente com os novos meios de comunicação, àquela altura balizados pelo cinema e pelos primórdios da TV, pré-cor e pré-vídeo, e instituir uma sintaxe espaçotemporal, um parolibrismo não palavroso, mas funcional, onde a materialidade da palavra tivesse a primazia e onde o texto se libertasse graficamente, acoroçoando um polidirecionamento de leituras, mas no qual cada palavra fosse justificada tanto em sua escolha como em sua posição e relevo na página do papel ou em outro suporte alternativo.” (Do Concreto ao Tecnológico, p. 313-322, in Poesia Antipoesia Antropofagia e Cia.)*

Neste mesmo texto, intitulado “Do concreto ao digital”, Augusto de Campos menciona que, após a primeira e mais ortodoxa fase do movimento da poesia concreta brasileira, surgiram outros elementos e outras características – nos anos 1960 - a) a incorporação do acaso b) o intercâmbio do verbal e do não verbal; c) a iconicidade gráfica.

Depois dos primeiros tempos ortodoxos da poesia concreta, vieram, naturalmente, os tempos da aventura da tipografia icônica, que, nos anos 1960 e 1970, foi municiada com o design de *letraset* – caracteres instantâneos – e dos fototipos.

Evidentemente, o ganho de liberdade e arrojo, nesses tempos, é diretamente proporcional à intensidade das conquistas e dos avanços de possibilidades eletrônicas e tecnológicas. Escreve o próprio Augusto de Campos:

*"Sob o influxo da revolução tecnológica, os novos experimentos convergiram para a valorização da interdisciplinaridade, que conduziria as poéticas visuais e sonoras, já nos anos 1980 e 1990, às mais diversas explorações intermediárias com apelo ao neon, à holografia, ao laser e ao vídeo e a levariam finalmente ao universo digital, estendendo-se às manifestações multimidiáticas."*

Em sua reflexão, Augusto de Campos reconhece que, no novo contexto, as "poéticas verbivocovisuais" encontraram um espaço "congenial de desenvolvimento e expansão". A verbivocovisualidade presente nas obras dos criadores – e, em especial, nas obras do próprio Augusto – expandiu-se na germinação dos progressos tecnológicos. Os efeitos estéticos se multiplicaram. A experimentação abriu novas rotas.

A sensibilidade foi alimentada por um crescente conjunto de recursos. A sofisticação dos meios possibilitou, evidentemente, nova vibração na poeticidade de fisionomia verbivocovisual, permitindo maior expressão da multiplicidade e da simultaneidade – elementos previstos no plano-piloto da poesia concreta, em 1958.

A transformação é evidente. Ampliam-se os modos de construção. Da bidimensionalidade passa-se à multidimensionalidade. Abrem-se universos e clareiras no espaçotempo. Acende-se o isomorfismo espaço tempo, que gera o movimento, como já haviam preconizado Augusto, Haroldo e Décio.

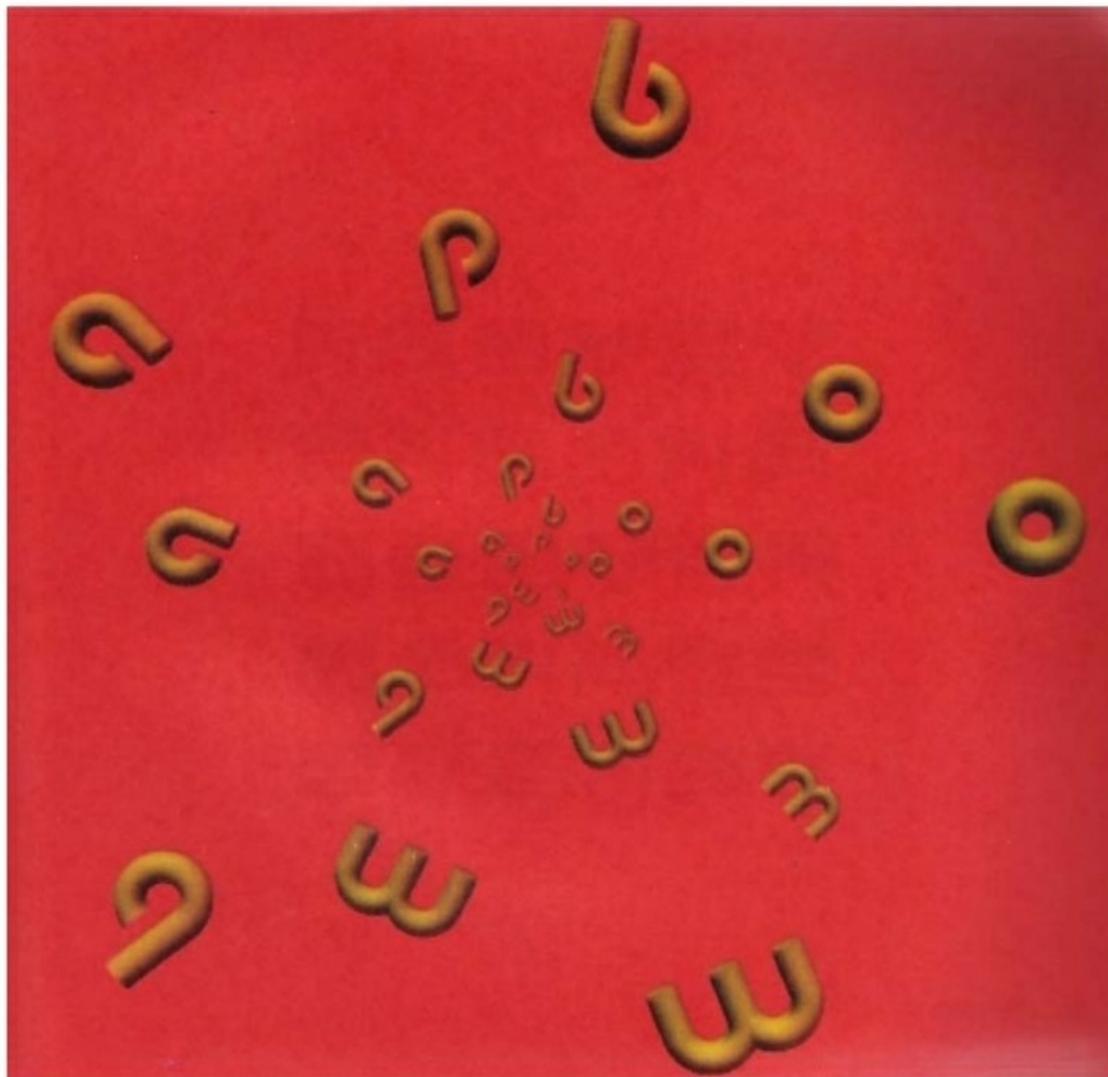
A sensação, para falar em termos genéricos, é semelhante à passagem da música de uma só voz à riqueza da polifonia e do contraponto. A percepção da simultaneidade é um fator de refinamento da comunicação da poesia.

Se o poema comunica a si próprio, como já profetizado há mais de seis décadas, com o advento da incessante revolução tecnológica, a transparência do gesto criador se expande, a gênese do poema passa a ser muitas vezes tematizada, a criação das singularidades desconhece limites.

A título de exemplo, vejamos a imagem do "Poema bomba", de Augusto de Campos, em sua primeira realização. E vejamos o mesmo poema concebido em versão a cores e, posteriormente, em holografia.



Este poema de grande significado, intensa experimentação e apurado jogo semântico, trabalha, também com linhas anagramáticas, como anotam muitos pesquisadores e estudiosos da obra de Augusto.



*poema bomba, (1987)*

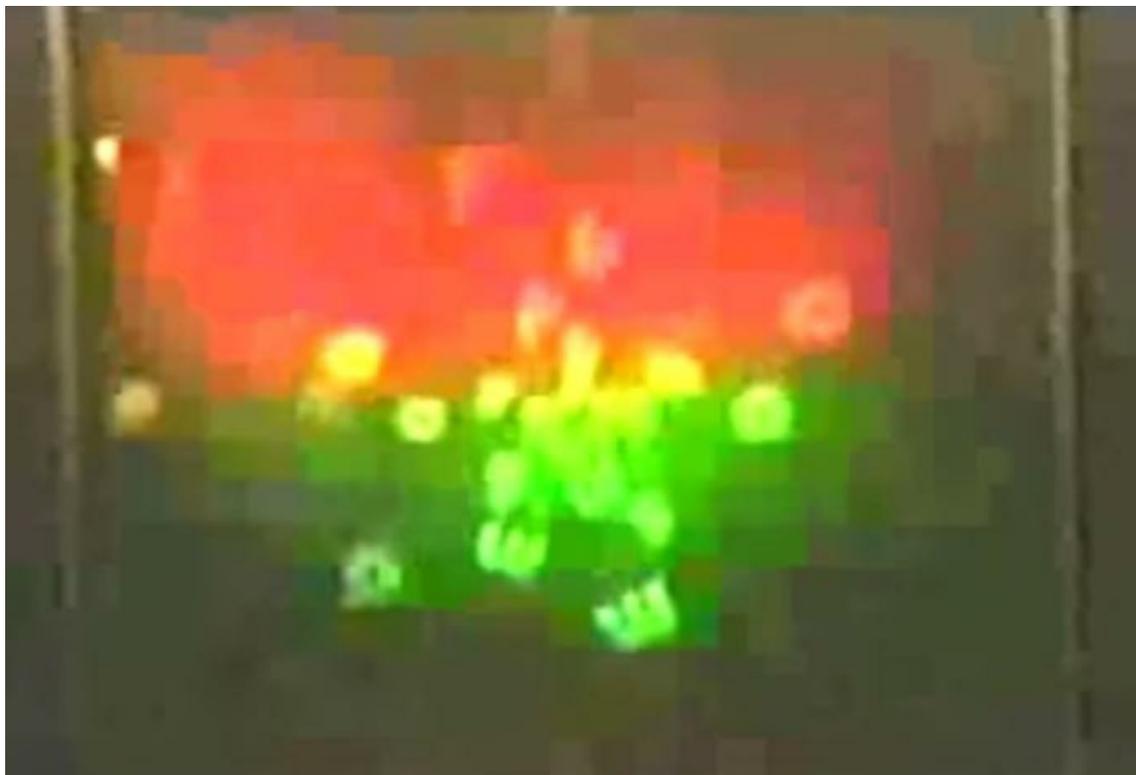
Os grafemas – gerados por ideias tipográficas expressivas – em sua ampla metáfora em construção – são apresentados como se estivessem soltos no espaço – gravitando à deriva, em alguma galáxia de signos. Esta ideia esta presente no poema e nele se faz muito bem realizada para a sua época.

A propósito, lembramos que, na poesia de Augusto de Campos, a utilização de cores está presente desde o livro “Poetamenos” (1953), permanecendo como importante recurso em vários dos poemas em pôsters do álbum “EX POEMAS” (1985), dos livros “Poemóbiles (1994) “Despoesia” (1994), “Não” (2003) “Outro” (2015), além das produções novas com que o poeta tem alimentado atualmente suas páginas do instagram e de outras plataformas e redes digitais.

Com a expansão dos recursos tecnológicos da década seguinte, o "POEMA BOMBA" ganha uma variação holográfica de beleza intensa. Ganha cores. A holografia dá novas dimensões ao poema. O enriquecimento é notável. O leitor/espectador participa do poema, sente a intensidade dos efeitos dos recursos de natureza holográfica.

Pôde ser visto em exposições dedicadas à obra de Augusto, inclusive em Bienais Internacionais de Arte. E atualmente pode ser visto por meio da internet. Este link – <https://www.youtube.com/watch?v=3nfv3-8DToY&app=desktop> apresenta o trabalho no youtube, acompanhado de uma interessante fala de Augusto de Campos, na qual ele se refere às três dimensões, à intercambiância de cores, entre outros aspectos.

O trabalho - POEMA BOMBA holográfico pôde ser visto na exposição "Ideologia", em 1987 no MAC – Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. A produção holográfica é de Moyses Baumstein.



O isomorfismo espaçotempo se perfez e foi gerado o movimento. A intersemiose do poema é exemplar. A verbivocovisualidade é clara, cristalina.

Augusto nos apresenta a concretude da explosão da bomba, que explode do centro para fora. Os estilhaços de grafemas atingem o leitor. Tem-se a plena transmutação da palavra bomba no objeto bomba. Os resíduos sobre a cor vermelha parecem intermináveis. A explosão continua a acontecer enquanto observamos o poema, enquanto vivemos a vibração de seu infinito.

Este exemplo é eloquente, mas é apenas um entre centenas de outros poemas de Augusto que poderíamos citar e trazer para análise de características, concepção. O site do poet/artista traz vários outros exemplos igualmente interessantes.

### **3. POÉTICA NO TEMPO E ALÉM. LINHAGEM. INFINITA INVENÇÃO. VIAGEM VIA LINGUAGEM**

A atemporalidade da obra poética de Augusto de Campos é evidente e decorre de um conjunto de características que, desconectadas de espaço e tempo, permanecem íntegras, coerentes e plenas.

Até mesmo sua produção poética mais recente, inclusive a crítica política, recebe a luz da atemporalidade, podendo ser lida com o mesmo impacto diante de qualquer situação no espaçotempo em que se insinuem ameaças à justiça, à democracia, à liberdade de expressão.

Esta poética dinâmica e multifacetada, de natureza intersemiótica funda uma linhagem, que, naturalmente, tem várias gerações de poetas a receber sua influência e a expressarem em sua própria dicção diferentes modos e diferentes dimensões.

Pertencem à mesma linhagem de sua poesia as obras de Walter Silveira, Omar Khouri, Carlos Ávila, André Vallias, Tadeu Jungle, Edgard Braga, Arnaldo Antunes, Lenora de Barros, Élon Fróes, Paulo Miranda, Julio Mendonça, João Bandeira, Fernando Lazlo, João Bandeira, Ricardo Aleixo, entre muitos e muitos outros. É evidente que cada um deles possui suas singularidades e sua personalidade estética, sua própria "assinatura estética", mas alinham-se, essencialmente, com uma poética alimentada, no nascimento, pelas vanguardas, e que se caracteriza pela ruptura

constante com padrões poéticos antigos, arcaicos. Obras criadas em estruturas dinâmicas e de multiplicidade, plenas do tecido da invenção, erigidas com a concisão. Obras de feição intersemiótica e de acentuada visualidade.

Augusto de Campos abraça as matrizes de sua força poética original. Navega num caminho de consistentes desafios e responde ao tempo com a luz estética e crítica de seu próprio pensamento poético.

A realização da verbivocovisualidade é um importantíssimo capítulo na história da poesia brasileira. Aliás, não só da poesia. Da literatura. Da arte.

Poesia de invenção: sempre renovada, transformada, na essência de singularidades do estranhamento. Invenção: ínsita na poesia. Já o disse Oswald de Andrade: "a poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi".

Se fazer poesia é descobrir o mundo tal como jamais antes visto, invenção é atributo de sua essência. Mas invenção como trabalho consciente e consistente, envolvendo a materialidade sígnica da linguagem, navegando no mar de ideias, em atos lúcidos e lúdicos (sem paradoxos e sem estéreis superficialidades retóricas. Dentro e fora. Indo além. Transpoesia. O poeta filtra e reverbera a essência da palavra, produzindo o novo. Um novo ovo. Renovo. Em deslimites, o infinito. A família dos poetas inventores a expandir o tempo, dar-lhe nova forma e novo significado, mirar e voar em múltiplas dimensões.

Consoante muito bem observado por Carlos Ávila, "o fato de não vivermos mais sob o signo da vanguarda na poesia brasileira (o último movimento reconhecidamente sólido e de nível foi a poesia concreta, em fins da década de 50) não anula a sempre presente necessidade da investigação poética, da pesquisa na busca do novo e da invenção no plano da linguagem, ao contrário do que pensam e alardeiam os neoconservadores, defensores de uma estética estática."

Augusto de Campos: um poet/artista de ampla consciência estética e crítica, que, ao refletir acerca de sua própria linguagem, afirmou:

*"Há 60 anos, ao compor os poemas em cores do ciclo POETAMENOS, penosamente datilografados em folhas dobradas, com interpostos carbonos de várias cores, eu clamava por luminosos ou filmletras. [...] O mundo digital colocou tudo isso ao alcance de meus dedos."*  
(prefácio ao livro *Outro*, Ed. Perspectiva, 2015)

Também afirmou – em entrevista concedida por ocasião do lançamento de *Outro* - não saber se o que faz ainda é poesia concreta: "*Não sei se o que faço é ainda poesia concreta. Fiquei talvez mais pop. Mas sempre verbivocovisual.*"

Reconhece: "*A informática [...] fornece ao poeta um instrumental enorme para implementar as propostas das poéticas das vanguardas, que se repotencializam, augurando uma ultramodernidade antes que uma pós-modernidade*".

Augusto segue em frente e à frente da poesia. *Filmletras* nos permitem ler/ver e ou/ver sua obra. A rica parceria com o músico Cid Campos – iniciada com o CD *Risco* - nos permite a viagem pelas galáxias da sonoridade desta poética.

Para Augusto, anos-luz à frente da poesia, nossos olhares e pensares.

#### POEMÓBILE PARA AUGUSTO DE CAMPOS

*Augusto*

*poetamais*

*vialinguagem*

*pré-lua / pós-lua*

*pós-tudo flua*

*de expoesia*

*à verboviagem*

*ele-móBILE*

*de risco em risco*

*nascenoigandres*

*onde menosmais*

*mínimo e pleno*

*constel/and*

*eleoutro*

*esempre*

*o mesmo*

*na bossa*  
*no balanço*  
*o que não diz*

*via vivavaia*  
*linguagem*  
*na invenção*  
*augusto*  
*intraduz*  
*outrodiz*  
*outraduz*  
*intradiz*

*clip-poemas*  
*colideouescapa*  
*equivocábulo*  
*em moduluz*  
*seu panorama*  
*de poe*  
*móviles*

*à margem da*  
*margem*  
*que poe/sia*  
*nela toda*  
*sobrediz*  
*uma fatia*  
*perfilo/gr*  
*amática*

*anárquica*

*sem o reino*

*ele-rei*

*paraluz*

*ele(s)sol*

*parasi*

*lêncio*

*ou/ver*

*e re-ver*

*fingers*

*cores*

*da brancura*

*do branco*

*da poesia*

*do poema*

*campos*

*dos campos*

*tempo*

*dos tempos*

*cantos*

*cantares*

*e trans*

*polifônica*

*luz*

*ele diz*

*lygiafingers*

*augusto*

*elessim*

*pleno*

*diz tudo*  
*(já) disse*  
*e rediz*  
*assim*  
*com poe*  
*pound*  
*joyce*  
*cabral*  
*e duchamp*  
*com kilkerry*  
*pagu*  
*e sousândrade*

*augusto*  
*concretude*  
*com haroldo*  
*e décio*  
*ronaldo*  
*waldemar*  
*grünewald*  
*paes*  
*braga*  
*xisto*  
*fiaminghi*

*com gilberto mendes*  
*koellreutter*  
*cage*  
*villafranca*  
*caetano*  
*lívio*

*e com cid  
tudo se compõe  
na big wallstreet  
única  
babélica  
pois tudo está  
dito  
pós-tudo  
escrito  
reincrito  
dígito  
táctil  
infinito*

*com roland  
arte e logos  
transciência  
e pensares  
a moduluz  
d'outros ares*

*com julio plaza  
com arnaldo  
com tadeu jungle  
e walter, o blackberry  
o novo no espaço  
do temposom  
tridimen-som  
rumo além do  
ver  
pre/ver*

*re/ver*

*ele-augusto*

*com mallarmé*

*maiakóvski*

*emily dickinson*

*blake*

*rimbaud*

*carrol*

*augusto*

*anticrítico*

*com valéry*

*cummings*

*dante e byron*

*donne*

*keats*

*pós-faz*

*estalactites*

*o pensar é*

*o pulsar*

*ver ou ver*

*pré-ver*

*re-ver*

*e pós-ver*

*augusto*

*em plena*

*voz*

*tudo*

*nela*

*está*

*está lá*

*estará*

Beatriz H. Ramos Amaral (“Peixe Papiro”, 2018)

## Referências

- AGRA, Lúcio. **História da Arte no Século XX: Ideias e Movimentos**. São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista**. Trad. João Bandeira e Marilena Vizentin. São Paulo: EDUSP, 2005.
- AMARAL, Beatriz Helena Ramos. **A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga**. São Paulo, Ateliê Editorial, coleção estudos literários, 2014.
- AMARAL, Beatriz Helena Ramos. **As trilhas de Edgard Braga**. O Escritor, São Paulo, 1995, p.4.
- AMARAL, Beatriz Helena Ramos. **Braga-Lume**, Revista Dialética, Maceió, Ano 5, N.5, Julho 2.000, apoio SESC.
- AMARAL, Beatriz Helena Ramos. **A poesia de Edgard Braga e seu eixo metalinguístico**. Belo Horizonte, Suplemento Literário de Minas Gerais, ed.1307, novembro 2007, p.20, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.
- ANTUNES, Arnaldo. **40 Escritos**. São Paulo, Iluminuras, 2.000.
- ÁVILA, Affonso. **O Visto e o Imaginado**. São Paulo, Edusp / Perspectiva / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- ÁVILA, Affonso. **O poeta e a consciência crítica**. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- ÁVILA, Carlos. **Poesia pensada**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2004.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de & PIGNATARI, Décio. **Teoria da Poesia Concreta (textos críticos e manifestos)**, Cotia, Ateliê Editorial, 2006.
- CAMPOS, Augusto de. **EX POEMAS**, São Paulo, Perspectiva, 1985.
- CAMPOS, Augusto de. **VIVA VAIA** (poesia de 1949-1979), Cotia, Ateliê Editorial, 2001.
- CAMPOS, Augusto de. **Verso Reverso Controverso**, São Paulo, Perspectiva, 1978.

CAMPOS, Augusto de. **Não**, São Paulo, Perspectiva, 2003.

CAMPOS, Augusto de. **Poesia. Antipoesia. Antropofagia**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.

CAMPOS, Augusto de. **De Arnaut a Raimbaut a Dante e a Cavalcante**. São Paulo, Arx, 2003.

CAMPOS, Augusto de. **O Anticrítico**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu: Vida-Obra**. 3a.edição, São Paulo, Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Haroldo de. **Depoimentos de Oficina**. São Paulo, Unimarco, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo, 4ª.edição, Perspectiva, 1992.

CAMPOS, Raquel. **Sobre esse OUTRO de Augusto de Campos**. Pernambuco, Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado, 08 de Maio de 2019.

PIMENTA, Alberto. **O silêncio dos poetas**. Lisboa, A Regra do Jogo, 1978.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**. São Paulo, Cultrix, 1995.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo, Cultrix, 1977.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética – uma (nova) introdução**. Educ, 2000.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP (2005), também formada em Direito pela USP (1983) e em Música pela FASM (1985). Escritora, poeta, contista e ensaísta, autora de 15 livros, entre os quais "A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga" (2013, Ateliê Editorial), "Os Fios do Anagrama" (contos, 2016, 1ª.edição, 2018 2ª.edição, RG Editores), "Peixe Papiro" (2018, poemas, Scortecci) e "O Averso do Arquipélago" (2019, In-Finita, Lisboa). Prêmios literários e culturais. Diretora de Publicações do MPD e Diretora do Departamento Cultural da APMP, atua como revisora da Revista Galáxia (PUC) e integra o Conselho dos Museus e Casas Literárias da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.